REFLETINDO SOBRE A PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO COM BASE EM GÊNERO, RAÇA E OS DESAFIOS: EXPERIÊNCIA NO CIADI/CASA ENCANTADA

Francisco Gabriel Pereira Nascimento Farias[1]
Vitoria Lopes Evangelista[2]
Larissa Oliveira E Gabarra [3]
Marcelino Clode N'Cabna[4]
Ineildes Calheiro Dos Santos[5]

RESUMO

Esse trabalho pauta-se na experiência como estagiário do CIADI (UNILAB), que atua na educação, saúde e no cuidado de crianças das comunidades (em torno de Baturité/Ce), projeto que possui dez anos de existência. O estudo focar-se-á nas perspectivas do eixo "Culturas e Matrizes africanas", em conteúdos que retratam relações raciais e inter-raciais com base nas culturas africanas, tradições e ancestralidades. O objetivo é refletir na relevância da educação infantil pautada nos problemas de gênero e raça, bem como, discutir alguns casos na infância e os desafios voltados para estas questões interseccionadas em sexismo, homofobia e racismo. Como método, analisa-se Relatos e observações, enfocando os comportamentos e os relacionamentos das crianças, refletindo nos desafios dos/as educadores/as. Resulta-se que, há marcadores de gênero e raça nas relações de poder, bem como, há preconceitos presentes na ínfima idade, sendo necessário a intervenção dos/as educadoras/es. Diante disto, pergunta-se: como educar na infância baseando-se nas noções de gênero, raça e sexualidades, considerando o conservadorismo e o limite da formação?

Palavras-chave: matrizes africanas; gênero/raça; educação infantil; CIADI.

UNILAB, Instituto de Humanidades , Discente, gabrielfarias@aluno.unilab.edu.br[1]
UNILAB, ILL, Discente, vicklopes.rc@gmail.com[2]
UNILAB, Instituto de Humanidades, Docente, larissa.gabarra@unilab.edu.br[3]
UNILAB, Instituto de Humanidades, Discente, ncabnaclode1992@gmail.com[4]
UNILAB, Instituto de Humanidades, Docente, ildafrica@yahoo.com.br[5]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

O CIADI - Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil é um projeto de extensão que dar apoio aos pais e mães do maciço de Baturité. Sendo composta por educadores voluntários e bolsistas que são de diversos cursos da UNILAB e utiliza de um ensino interdisciplinar nas aulas. Com a parceria da prefeitura de Redenção/CE, o CIADI ficou estabelecido em um espaço doado pelo órgão público, e no ano de 2014 foi criada a "Casa Encantada" (Caiado et al., 2021). Esse nome fantasia, como já em evidência, tem relação com a infância e educação, trata-se de um projeto que atua com base em eixos norteadores didático-pedagógico, dentre os quais, este estudo centrar-se-á nas perspectivas do Eixo "Culturas e Matrizes Africanas".

O projeto possui 20 crianças inscritas e, em torno desta metade comparecem às aulas. Em relação ao quadro de educadores, são quatro do sexo masculino e três do sexo feminino, todos/as estudantes do ensino superior de diversos cursos. Dentre esses, quatro se declaram negras e três brancas, cinco são brasileiros e dois (de ambos os sexos) guineenses. Sobre a identidade de gênero, não há autodeclarações deste grupo, exceto um se autodeclara homossexual (sexo masculino).

A identidade de gênero, raça/etnia e origem nacional se faz relevante neste estudo, devido o problema pautar-se em preconceitos, partindo das crianças, a estas categorias. Pensando nos problemas e nos desafios dos educadores, pensar em: "como fazer", é o que move este debate que requer intervenção dos/as educadores, que, são estudantes.

A estrutura do texto se dá da seguinte forma: o recorte de três relatos e observações, seguidos de abordagens críticas e reflexivas, concluindo com os achados dos resultados.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada é a qualitativa, descritiva, com o método de relatos e observações in locos. Esse estudo tem como recorte o projeto de extensão - CIADI/Casa Encantada, e a população são as crianças educandas deste projeto. Os três relatos foram colhidos da Casa Encantada envolvendo as crianças e educadores/as.

Este trabalho, teoricamente se fundamenta em estudos de gênero e raça e o conceito de interseccionalidade, a fim de alcançar os objetivos e responder as seguintes questões: como educar na infância baseando-se nas noções de gênero, raça e sexualidades, considerando o conservadorismo e o limite da formação? O que leva à (ás) crianças terem preconceitos? Por fim, é possível crianças serem racistas, sexistas e/ou homofóbicas?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo proposto neste estudo se deu devido os impactos e os desafios dos/das estagiários/as educadores/as do projeto CIAD /Casa Encantada, observando relações na infância pautadas em questões de gênero, raça/etnia e masculinidades, em que se reverberam no que é possível nomear de "homofobia inocente". Nesta parte será esboçados os relatos ocorridos, demonstrando as intervenções e como aparecem os desafios. A saber: 1) Cor de pele (o racismo); 2) Estética e homossexualidade (o cabelo); 3) menina negra (o corpo), são temáticas que envolvem as relações de gênero e raça.

Relato I – Cor de pele

O relato que se segue, se embasa na cor da pele e tem sido recorrente nas relações e nos comportamentos das crianças.

ISSN: 2447-6161

Em uma das atividades na Casa Encantada, utilizou-se um filme chamado “Divertidamente”, com a finalidade de trabalhar as questões das emoções. Colocando puffs e almofadas para as crianças se sentarem e/ou deitarem para assistir. No entanto, foi observado uma cena compreendida como racismo, que ocorreu entre uma menina branca e um menino negro retinto (de origem africana) – de codinome Alecrim.

A menina branca – o codinome de Camomila, estava deitada perto de sua amiga (aluna do projeto) a qual saiu do lugar, e, imediatamente foi ocupado por Alecrim, ficando ao lado de Camomila que reagiu tirando a almofada para que ele não deitasse. A intervenção se deu em colocar outra almofada, igualmente próximo dela, oferendo a Alecrim para deitar-se, a fim de resolver o problema, acreditando, a priori, se tratar de coisa de criança. No entanto, ainda assim, Camomila se esquivou dele, afastando-se para que Alecrim não encostasse nela.

A compreensão do ocorrido como um caso de racismo, se deu pelo fato da recorrência de desvalorização racial pautada na cor da pele, entre as crianças na Casa Encantada, sendo este recorte, apenas mais um. Observa-se que as crianças que têm pele mais clara não experienciam a rejeição como ocorre com os de pele mais escura, e isso também acontece no comportamento das crianças com os educadores: há os preferidos e os preteridos. Esta compreensão pauta-se também na realidade brasileira, uma sociedade polarizada em tonalidades de cor de pele: branca, indígena, amarela e negra, sendo esta última constituída por pretos e pardos (IBGE, 2017), considerada racialmente democrática, mas, na prática detecta-se a falsa democracia racial (Gonzalez, 1979), marginaliza, exclui, bem como, fortalece o racismo (Carneiro, 2011).

Relato II – Estética e homossexualidade

Nesse novo recorte há um duplo relato, por se tratar da mesma criança em situações diversas. Um relato que envolve o educador autodeclarado homossexual, vítima de homofobia por uma criança educanda, o que causa espanto, por se tratar de criança e inocência. Ao mesmo tempo retrata o desafio: e agora, o que fazer?

O Educador, homem gay, negro de pele clara e cabelos altos, cheio e crespos cacheados, em uma das aulas, um menino de cabelos cacheados da textura fina e pardo –de codinome de Mangueira, agrediu o educador chamando-o de viado, da seguinte forma: “seu viado!”.

Considerando que Mangueira tem um nível de compreensão que permite inquirir com perguntas, a intervenção se deu da seguinte forma:

Foi perguntado, se, por acaso, ser gay faz a pessoa ser menos humano do que ele/ o agressor? E, se, ser um homem gay tornava a pessoa não humana?

Essa mesma criança é remetida ao próximo relato, por estar interligado.

Mangueira expressa que o cabelo (crespo) de Alecrim (citado no relato 1) é feio.

No início do mestre, ao chegar no projeto, Mangueira tinha um cabelo curto e depois que viu os cabelos cacheados do educador gay, disse que iria deixar o dele crescer para ficar parecido. Vale frisar que, atualmente, os cabelos de Mangueira estão grandes.

Naquele momento, questionou-se em relação a essa admiração pelo cabelo cacheado. E no decorrer das aulas, como forma de intervenção e educação étnico-racial, o item “cabelo” passou a ser questão pedagógica.

Apesar da pele clara, o citado educador não pertence aos padrões de referências de gênero, no que concerne ser homem ou mulher, pois, as características de masculinidades e de estéticas masculinas não estão presentes no seu corpo. Desta maneira, a palavra “viado” tem conotação de chacota e muitas vezes são utilizadas como violência e homofobia (ódio a pessoas não heterossexuais). E quando provém de uma criança de sete anos, causa espanto, porque, para o senso comum, criança é ingênua, inocente. Nesse sentido, o que leva uma criança a ser homofóbica?

O relato revelou o estranhamento estético do não-padrão, pelo viés do cabelo, denotando padrões estéticos na sociedade e que são reconhecidos pelas crianças. O ser homem/mulher, bem como, as masculinidades e

ISSN: 2447-6161

feminilidades são representadas (Calheiro, 2017; Dornelles, 2007) e as crianças, parecem ter apreendido os padrões sociais. Recorrendo aos estudos sobre as questões de gênero na escola (Dornelles, 2007) e a respeito da construção do gênero, estas autoras esclarecem as dicotomias entre os sexos. De acordo com Calheiro (2017) os corpos sexuados, generificados são construídos a partir de tecnologias de gênero, como são os brinquedos de meninos e meninas. E para Adichie (2017) tem cor: azul ou rosa.

Referindo ao segundo item do duplo relato, o fato leva a refletir sobre valores raciais e assimilação da estética branca como o belo, onde o cacheado é bonito, assentado e arrumado, conforme as observações, o cabelo crespo aparece como bagunçado e feio.

Relato III – Menina negra e o corpo

O último relato citado é ponte para discutir este seguinte, fechando os relatos neste texto, esse que tem relação com namoro imaginado.

Esse caso ocorreu entre três crianças: Mangueira, Figueira, ambas de sete anos e Jasmim de seis. Esta última é uma menina negra de cabelo cacheado e os dois meninos são pardos (pele clara),e tanto o Mangueira quanto o Figueira, admiram-na e a disputam.

Observa-se as cenas, e nota-se que realmente se tratava de conquistas na infância. A conversa entre eles é de namoro, havendo troca de carinhos. Percebe-se que, mesmo sem malícia, ela gostava de se sentir disputada pelos dois. Esses garotos também tentaram, com uma garota branca, também admirara, tais práticas de intimidade: se tocarem, falar de namoro e que se dão nas brincadeiras, na hora de sentarem juntos, no entanto, ela não aceita. Esta parece saber que eles estão no campo do namoro. Entre outros fatores Jasmim também canta um funks com palavreado que denota essas questões.

.

Discutir esse tema: “menina negra e o corpo” remete-se ao relato envolvendo uma menina negra e, como isso mostra a representação da mulher negra na sociedade. O racismo ou desvalorização racial sofrido por Jasmim, na sociedade, é notado, pelo seu comportamento de desvalorização do seu cabelo e cor, embora que, o cabelo cacheado parece te dar um tanto de valorização, ainda que não compreenda, a ponto de ser disputada, ainda que seja o namoro imaginado. Este relato remete às seguintes questões: porque Jasmim é disputada? E por que ela acaba envolvida por essa disputa, enquanto a menina branca recusa? Essa disputa faz da Jasmim um mecanismo de autovalorização? E em que sentido o corpo negro se insere?

O intento ao trazer este relato, é refletir sobre o corpo da mulher negra e de que forma as crianças podem ser afetadas por esta representação. E por entender que as crianças são levadas a reproduzirem tais atitudes, sendo esta fase de vida importante para impedir a formação concreta dos preconceitos em gênero, sexualidade e raça, instiga pesquisar, e compreender. Desta forma, Lelia Gonzalez (1979) fundamenta a respeito da mulher negra hipersexualizada na sociedade, em cuja construção de representação emergiu do processo de escravidão. O fato é que, o corpo é também utilizado como mecanismo de autovalorização, e de certa forma, inclusão. Sentir-se incluída e valorizada. Se é bom ser valorizada, aceita, inclusa, por que a menina branca recusa?

CONCLUSÕES

Este estudo esboçou relatos de casos cotidianos pautados em relações e comportamentos de crianças do projeto CIAD / Casa Encantada, focando nos desafios na arte de educar com base nos problemas de gênero, raça e sexualidades. Resultou-se que, é notório, na infância, relações de hierarquias e de poder,

ISSN: 2447-6161

potencializadas nas brincadeiras propostas pelos educandos/as, nos momentos destinados às suas próprias escolhas no brincar, além disso, a racialização aparece imbrincada nesse cotidiano e de forma naturalizada. A força do racismo e sexismo se apresenta na infância.

Como visto nos relatos, denota-se preconceitos na infância, nos marcadores gênero, raça e relações de poder, bem como em sexualidades, e as questões de masculinidades simbólicas se apresentam. Os meninos disputam a menina negra. Sendo necessárias intervenções dos/as educadoras/es, em determinadas situações, como estas citadas - um desafio. E como intervir?

Tonar-se necessários estes conhecimentos em gênero/sexualidades e raça na formação em pedagogia, de forma curricular, em prol de uma educação antirracista e antissexista, quebrando questões de violências, estereótipos e padrões. Pois, esses problemas relatados são de elevada importância para discussão e formação docente, e a intervenção requer moldar a construção das crianças, que levarão tanto para a vida individual e coletiva quanto para a sociedade.

No eixo específico em culturas e matrizes africanas, há acompanhamento para trabalhar atividades que foquem mais os problemas raciais, por meio de uma educação anti-racistas e que quebre estereótipos que as crianças levam do seu contexto social – de fora para dentro da Casa Encantada, e este projeto, tem combatido construções tóxicas nas relações desde a infância, pautando em melhores relações sociais, enfatizando valorizações raciais e de gênero, que, a princípio, acredita-se, se constrói na infância.

Por fim, quando os marcadores gênero e raça aparecem nas relações de poder já na ínfima idade, nós educadores somos desafiados a intervir. E, apesar das dificuldades e desafios, observo resultados nas crianças e isso é gratificante. Desta forma, estas questões se delimitam como possível problema de pesquisa de TCC. A saber: Por quê, ou o que leva crianças a se relacionarem entre si com base em racismo e sexismo? Crianças são racistas e homofóbicas? Esses relatos de comportamentos de crianças na Casa Encantada são reflexos da sociedade?

AGRADECIMENTOS

Ao CIADI - Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil e a PROPAE.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Nigoze. Para educar crianças feministas: um manisfesto. Tradução Denise Bottman. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CALHEIRO, Ineildes. As mulheres árbitras de futebol: tecnologias de gênero e divisão sexual do trabalho. Novas Edições Acadêmicas, 2017.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DORNELLES, Priscila Gomes. Distintos destinos? A separação entre meninos e meninas na Educação Física Escolar na perspectiva de Gênero. 2007, 156f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2007.

GONZALEZ, Lélia. “Cultura, etnicidade, trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher”. VIII encontro Nacional da Latin American Studies Association. Pittesburgh, Pensilvânia, abr. 1979.

CAIADO, Ana Paula, S. et al. Semeando a terra e colhendo baobás: seis anos do Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento. In: MONTEIRO, Artemisa O. C.; LIMA, Ivan. C. (Orgs). UNILAB 10 anos: Experiências, desafios e perspectivas de uma Universidade Internacional com a África e Timor -Leste no interior da Bahia e do Ceará. Vol 1. [Eletrônico] Fortaleza: Imprece, 2021, pp. 84-99.

ISSN: 2447-6161

ISSN: 2447-6161